

Onde a alma

Manchet 719
Janeiro 1966

Globo 69

RN

Go. 15.5.61

CM 29. 1.53

Radio M Educ.
1.8.64

M 218

RUBEM BRAGA

PSICANÁLISE

10-9-57

NÃO sou muito dado a essas leituras, mas a verdade é que passei uma grande parte da noite às voltas com essa coisa de psicanálise, lendo «El matricídio en la fantasia», edição argentina de um livro de nosso patricio o professor Valderedo Ismael de Oliveira..

Que complicada é a gente por dentro, quanta coisa no porão se carrega sem saber! Somos todos uma espécie de contrabandistas de nós mesmos; quando entro em contacto com tais assuntos, não me admiro mais de que haja tantos loucos e birutas no mundo; me espanto é de ver o grande número de pessoas que conseguem ser mais ou menos normais, viver dentro de certas regras, beijando as mãs das damas sem mordê-las e deixando um automóvel passar sem lhe jogar uma pedra.

Se um governo benemérito fechasse a imprensa e me obrigasse a procurar outro jeito de vida, creio que o último officio que eu aceitaria seria o de psicanalista. Redescobrir tôda a tragédia grega na alma de qualquer funcionário público, cotucar todos esses polvos e arraias enterrados na lama ou entocados nas pedras, isso deve cansar mais do que tudo, essa intimidade com o bicho humano. A minha mesma intimidade me assusta e aborrece, que dirá a dos outros, e ainda mais que esses outros, quando procuram o psicanalista, é que já estão bastante destrambelhados por dentro.

Estou pensando neste momento em certas mulheres e, para dizer a verdade, principalmente em uma; fico a imaginar no que ela diria deitada em um consultório. A consciência de que cada um de nós tem lá por dentro aquela porção de cordinhas e alçapões me faz sentir até que ponto eu a conheço pouco e como podem ser estabaneados os meus gestos, e quanto uma palavra minha, dita por simples tolice, pode afastá-la (e, o que é pior, já ter afastado) de mim. É um pouco aflitivo pensar nisso, nessa cabra-cega em que vivemos todos; no desconhecimento que temos de nós mesmos e das pessoas que mais estimamos.

São reflexões tristes. O melhor é não pensar muito nisso e acreditar, o que talvez seja verdade, que, acima dos gestos e das palavras, o sentimento talvez valha alguma coisa; e que a ternura e o bem querer devem ter um instinto certo e tocar naquelas zonas indefiníveis da alma em que nem os psicanalistas conseguem explicar nada. Ora, pois: mesmo às cegas, burramente, — amemos, já que «para isto somos nascidos».

imaginar

- / / /

387